

Alguns registros para um Dicionário de Expressões

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – verbetes, notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Neste artigo (como em diversos anteriores), apresento mais uma amostra do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes e, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

“Bateu, levou”; “Escreveu não leu, o pau comeu” etc.: futuros feitos com passado

Algumas de nossas expressões em ditos, slogans de publicidade etc. seguem uma aparentemente desconcertante possibilidade gramatical típica das línguas semitas: o uso do passado para expressar o futuro. Um uso peculiar, ligado à concepção do tempo, assim expresso por Aida Hanania:

A peculiar noção árabe de tempo. Como dizia Jamil Almansur Haddad: o árabe vê o passado como um bloco homogêneo e vê o futuro como um bloco homogêneo. O Ocidente faz o contrário: faz essa atomização, essa dissecação, essa separação temporal, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsídras, relógios e

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente. É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática. (cit. em LAUAND 2016)

A repercussão dessa visão do tempo na gramática é o fato de que o árabe pode valer-se do pretérito até mesmo para expressar o futuro, que aparece, assim, como mero resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. Se é fenômeno normal, em tantas línguas, o emprego do presente para falar do futuro (“Vou jogar bola amanhã”), ou mesmo para o passado (“Em todo Natal, viajo”); o uso do passado para referir-se ao futuro é aparentemente descabido. E, no entanto, é assim que a gramática árabe procede. Em muitos casos, o futuro não aparece como incerto, mas apropria-se da certeza inexorável do passado. E os provérbios bíblicos “Quem semeia ventos, colhe tempestades” e “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, no original soam: “semeou ventos, colheu tempestades” e “deu aos pobres, emprestou a Deus”. Nessa mesma perspectiva, nós dizemos “Escreveu, não leu, o pau comeu”, “Bateu, levou” etc. (Se escrever e não ler, o pau comerá; quem bater, levará).

“Escreveu não leu...” – mesmo sem complemento algum – era expressão já usada desde fins do século XIX na BN para indicar que um descuido ou imprudência leva a drásticas consequências desastrosas (e imediatas, como é sugerido pela certeza da inexorabilidade do uso do passado para o futuro nessas formulações). Assim, o “Jornal do Brasil” (RJ, 09-09-1912) adverte para a determinação de aguerridas moças casadoiras: “escreveu, não leu, casou...”. A primeira aparição com complemento rimado dá-se em “O Fluminense” (RJ, 26-08-1885): “Escreveu não leu, perdeu!” Em “O Dia” (PR, 09-10-1925), já nos aproximamos da fórmula atual: “escreveu não leu, lenha desceu!” e o mesmo jornal registra, em 25-08-1931, comentando um jogo de futebol amador que só durara 5 minutos (“depois foi sururu”), o articulista inaugura na BN nossa expressão: “Na varzea é assim. Escreveu não leu... pau comeu!” O “pau comeu” (seguido ou não de “solto”, “à vontade”, “de rijo”, “de verdade” etc. já era usado para briga e confusão...

Já a expressão “Bateu, levou” popularizou-se a partir de 1990, como bordão ameaçador do então presidente Fernando Collor e de seu porta-voz, Cláudio Humberto.

Nossa apropriação dessa forma semítica do passado-futuro torna-se mais evidente quando nos lembramos de outros tantos exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Neles, o futuro e suas conexões causais aparecem inexoráveis e imediatos, como na velha propaganda dos classificados do Estadão, hoje imitada por diversos outros veículos: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou em: “Tomou Doril, a dor sumiu”, “Achou, ganhou” (utilizada por inúmeros produtos em promoções de prêmios), e a consagrada: “Sedex - mandou, chegou”.

Os agentes de publicidade usam e abusam dessa forma de passado-futuro pois transmite certeza e rapidez, o que no ramo é decisivo, pois como diz a canção da Xuxa: “E ô e ô, bobou, dançou”.

Uma pequena nota adicional: o “gostava” no português de Portugal. A forma de pretérito imperfeito do indicativo é usada também como futuro do presente ou do

pretérito: “Eu gostava era de ver este país sem corrupção alguma”, “eu gostava era de ter uma sinecura e não ficar dez horas por dia atrás de um balcão”. Outro exemplo: em um foro de discussão sobre as reformas do estádio do Braga (Sporting Clube de Braga), na época denominado AXA (a empresa patrocinadora), após reclamações de acessibilidade, dos preços extorsivos dos bares etc. um torcedor vai ao ponto: “Há várias coisas apontadas que podem ser corrigidas ou melhoradas, mas o que eu gostava mesmo era de ver o AXA cheio de braguistas. Aí sim ... poderíamos dizer que somos enormes” (<https://www.superbraga.com/forum/index.php?topic=9587.80>. acesso em 20-05-22). Uso semelhante aparece na clássica “Marina, morena” de Caymmi, quando o queixoso namorado diz: “Eu já desculpei tanta coisa / Você não arranjava [arranjará, arranjaria, teria arranjado] outro igual”.

Bauru, americano, cachorro quente e outros sanduíches

Uma denúncia do “Diário da Noite”, de 25 de março de 1947 – “Impõe-se o tabelamento dos sanduíches” – traz como subtítulo “A história do ‘Bauru’ e do ‘Americano’”. A matéria nos informa da invenção de alguns sanduíches, em torno do ano de 1944.

A reportagem investe contra os comerciantes gananciosos que, para burlar o tabelamento dos gêneros alimentícios (pela Comissão Estadual de Preços), carregavam manhosamente em abusivos preços dos sanduíches, que não estavam incluídos no tabelamento do governo.

É conhecida a história do “bauru” – desde 2018, patrimônio imaterial do Estado de São Paulo – e de sua invenção (cf. p. ex. <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,bauru-vira-patrimonio-imaterial-de-sao-paulo,70002690457>). O “Diário da Noite” relata, a seu modo, a história desse sanduíche: “lá pelos idos de 1939” [outros falam em 1934, 1936 ou 1937], um acadêmico de direito, que tinha o apelido de Bauru, pediu, em “um bar da Cinelândia”, um sanduíche customizado: queijo quente, presunto [originalmente, rosbife] e tomate. Os colegas foram imitando e a receita se impôs e vige até hoje. Esse sanduíche (“o ‘Bauru’ e seus variantes”) – prossegue o Diário – que hoje custa em torno de Cr\$ 4,00 era vendido – “pasmem”! – em 1942 por Cr\$1,20. E a mesma alta exorbitante atingiu o pão com manteiga, o sanduíche de queijo etc.

A criativa astúcia desses comerciantes levou-os em 1944, a inventarem “novas fórmulas” de sanduíches (o jornal elenca diversos nomes, como Casa Branca, Cubano, Miscelânea etc., hoje totalmente desaparecidos). Um deles, “o ‘Americano’, que é feito com alguma folha de alface geralmente murcha ou queimada, um pedacinho de presunto e 25 gramas de queijo quente [segundo o jornal, na época, o “americano” ainda não incluía o ovo], custava Cr\$ 2,90. O sanduíche misto quente – presunto, queijo e pão – era vendido a Cr\$ 2,00”. É interessante notar que esta é a primeira referência ao “misto quente” na BN!

Falando em sanduíches, uma curiosidade: as duas primeiras menções a “hot dog” na BN dão-se em 1928, ambas explicando ao leitor que se trata de um sanduíche de salsicha, (“Cinearte”, RJ, 06-05-1928; “Diário Nacional”, RJ, 17-10-1928). Já o hambúrguer, aparece por primeira vez na BN em 15-08-1953, na coluna de Helena Sangirardi “Lar, doce lar”, da então difundidíssima revista “O Cruzeiro”. A jornalista, famosa também em culinária, ensina a preparar “bife hamburguês”, que ela chama também de “hamburguer”. Em 31-01-1959, a mesma Helena Sangirardi, desta vez para a famosa revista “Manchete”, ensina a fazer hambúrguer (agora já com o nome consolidado e não mais chamado de bife hamburguês). Com a chegada do Bob’s no Rio de Janeiro, “A Tribuna da Imprensa” (05-01-1956) registra a estranheza dos

clientes: “Muito freguês do Bob’s (...) deixa de comer o que quer por causa dos nomes. O que tem de bom, tem de nome difícil (...) nomes estrangeiros assim: cheeseburger, hot dog (que muitos não sabem ser o simples cachorro quente), root beer floage e marshmallow”.

Um par de registros adicionais: sanduíche (grafado “sandwich”) e lanche (grafado “lunch”) aparecem na BN já em meados do século XIX:

O amor sem os seus inconvenientes e sem o seu mysterio, he como o Sandwich sem o vinho de Bordeaux. – não serve.
 (“Ostensor Brasileiro”, 1845, ed. 27)

[Falando dos serviços de um hotel de luxo] Das 7 horas da manhã ao meio dia há mesa franca para o almoço de garfo. (...) Do meio dia às 2 horas o lunch (a merenda)
 (“Correio Paulistano”, 10-02-1955).

(O) Choro é livre

Expressão que se emprega para indicar que os fatos estão aí e se impõem, independentemente de nossa vontade e ironiza aqueles que, em vão, não se conformam com eles, recomendando-lhes que podem se entregar livremente ao inútil lamento do choro. A expressão é muito antiga na BN, remonta a 1877, no título de um editorial de “O Liberal” (PA, 27-11-1887) que investe contra críticas que um jornal opositor dirigiu a artigo dessa folha, qualificando-o de “torpe especulação da oposição liberal”. O editorial vai rebatendo, uma por uma essas críticas e pontilhando ironicamente em cada parágrafo, como em ladainha: “torpe especulação da oposição liberal”.

Usava-se frequentemente também a forma sinônima “O pranto é livre”.

Sobre a possível origem (completa) da expressão, o satírico “O Malho”, de 17-03-1906, põe na boca do Zé-Povinho, desolado com os amargores da política, a afirmação de que só lhe resta chorar no quarto:

“O choro é livre... de imposto.”

Comes e bebes

Expressão absolutamente *sui generis*, com formas do indicativo substantivadas, que não admitem singular (não cabe “come e bebe”) nem outras flexões das formas verbais que a originaram (“comeis e bebeis” etc.). Chegam a ser impensáveis formas similares correspondentes como, digamos: vou para um “malhas e treinas” na academia, ou para um “relaxas e emagreces” em um spa...

Antiquíssima e sempre presente na BN, sua primeira aparição remonta a 15 de agosto de 1815 no “Idade D’Ouro do Brazil”, primeiro jornal a ser publicado na Província da Bahia, noticiando que houve em Paris um evento (Assembleia Central), para celebrar a votação da nova Contituição, conclui:

Estas funções divertem a plebe de Paris, porque são acompanhados de espectaculos e de comes e bebes gratis.

Houaiss indica que a expressão se refere ao que se come e bebe em reunião festiva, embora modernamente essa característica tenha se afrouxado um pouco: hoje, vários botecos e restaurantes se intitulam precisamente “Comes e Bebes”, claramente sem caráter de festa. O caráter festivo se associa, frequentemente à gratuidade, como no “boca livre” (expressão que chega à BN nos anos 50) das confraternizações de fim de ano das empresas.

Espírito de porco

De 1872 a 1930 “espírito de porco” (por vezes só “espírito porco”) aparece poucas vezes na BN e apenas com o sentido genérico de grosseiro, rude e tosco. Só no começo dos anos 30, aparece com seu significado mais específico atual: desmancha-prazeres, “do contra” ou alguém que cria situações embaraçosas, ou agrava as já existentes. Desde então, a expressão populariza-se cada vez mais.

Assim, em 24-01-1933, o “Jornal do Brasil” relata que durante um almoço festivo oferecido em homenagem ao JB:

Os momentos vividos foram os mais agradáveis, embora um “espírito de porco” tentasse prejudicar a sadia alegria reinante, no que foi impedido pela enérgica directoria [que o expulsou do local].

No mesmo JB, em 02-12-1933:

Não dê importância ao que diz o Lorota. Aquele camarada é “espírito de porco”. Vive para contrariar a gente.

A revista “Caretta” chegou mesmo a ter um quadrinho “Espírito de Porco” (uma espécie de “Amigo da Onça”):



“Caretta” (RJ, 03-06-1950)

Frangueiro

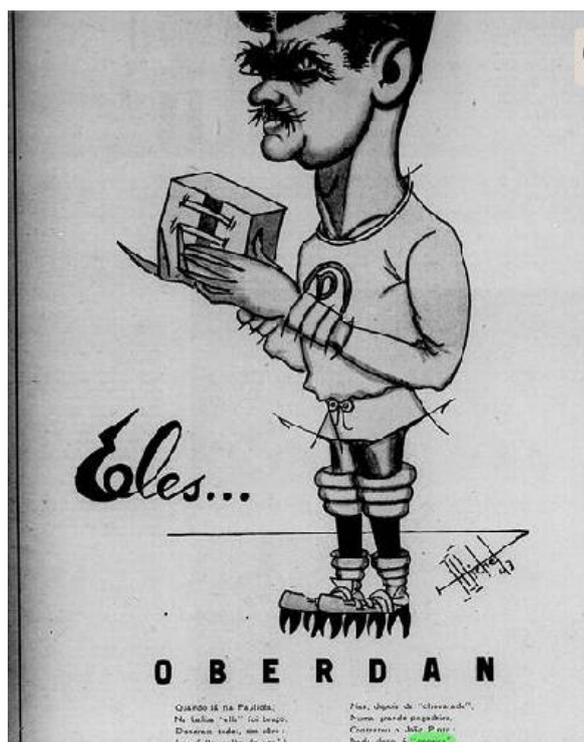
“Vida e drama dos arqueiros – Responsáveis pelas derrotas e esquecido nas vitórias – o “frango” é o único ‘bicho’ [alusão à gratificação] que lhe toca sempre” é o título do artigo de Fernando Pimentel na edição de natal de 1934 da revista “Guanabara”. O título já diz tudo: é ingrato ser goleiro. Nessa matéria aparece, pela

primeira vez na BN, “frangueiro” e um sinônimo da época “peneira”. Se o time ganha, diz o articulista, seu mérito não é devidamente reconhecido; se a equipe perde:

Valha-me Deus! O pobre do goal-keeper é sempre o primeiro e talvez o único culpado.

- “É um frangueiro”, diz alguém. - “Peneira”, grita outro; e o infeliz sofre as maiores humilhações.

Hoje caído em desuso, “peneira” era sinônimo – por razões óbvias – de “frangueiro”. Ainda em 1944, o caricaturista usa “peneira” para expressar que até o legendário Oberdan Cattani, um dos maiores goleiros da história do Palmeiras, teve um dia de frangueiro:



O “Muralha de aço” depois da chuarada virou “peneira”
“Esporte Ilustrado” (RJ, 06-01-1944)

O artigo de Pimentel informa-nos de mais uma gíria da época: o goleiro, sempre injustiçado, pode fazer milagres e defesas que:

Haverá sempre alguém para dizer baixinho ou em voz alta: - “Puxa, que LEITERIA! [sorte, pura sorte]”.

Ganhou, mas não levou...

Essa frase feita é mais antiga e usada (principalmente para o futebol -1920- e outros esportes)– do que se possa imaginar. Assim, “O Imparcial” (RJ, 04-05-1920) sob o título “Ganhou mas... não levou”, informa que o América perdeu os pontos que tinha ganhado no “match” contra o Palmeiras, porque Pedro Martins jogou “sem a devida inscrição”.

A primeira ocorrência da expressão na BN, contudo, dá-se em 1915, por conta de um golpe de um vendedor de bilhetes de loteria: o incauto “Ganhou... mas não levou” (“A Noite”, RJ, 3-10-1915).

A vítima tinha comprado um bilhete e, sem saber que tinha sido premiado, foi falsamente informado pelo vendedor de que seu bilhete só tinha alcançado um pequeno prêmio: o de troca por outro bilhete para a próxima extração. Ingenuamente, ele aceita a proposta de troca do vendedor e, claro, o malandro desaparece com o bilhete premiado.

Lindo de morrer

A expressão surge na BN em em 17-11-1963, na coluna “Os Zés” de Sylvan Paezzo – conhecido autor de teledramaturgia – no “Correio da Manhã”: “De repente: zip! M. viu algo no céu lindo de morrer”. Em 1965, essa expressão intensiva ganha muita popularidade na imprensa.

Mas por conta de tabu com a palavra “morrer”, logo (1968) recebeu uma proposta de substituição na BN, em colunas sociais, por “lindo de viver”, que ganharia os anúncios de venda ou aluguel de imóveis. E a grande promotora de “lindo de viver” foi Hebe Camargo, que repetia o bordão à exaustão, pensando assim em reafirmar seu amor à vida... mas sem reparar que a nova forma não funcionava bem (do mesmo modo que não se pode substituir, digamos, “morrer de rir” por “viver de rir”).

Hoje, ambas as expressões estão em declínio: as últimas aparições de “lindo de viver” no Estadão foram em 2013, todas em anúncios imobiliários. No mesmo jornal, “lindo de morrer” vai escasseando, até uma última e isolada aparição em 2014. E praticamente o mesmo dá-se com as incidências das expressões na BN em geral.

“Lindo de morrer (/viver)” não manteve seu vigor nem por 50 anos...

Mictório x toailete

Embora Houaiss date a palavra “mictório” de 1899, já em 26-04-1873, “A Nação” noticia que José Fernandes da Silva foi assaltado por três indivíduos no mictório da Praça do General Osorio. Hoje em dia, quem quer ir ao banheiro num bar, posto de gasolina etc. pergunta pela “toailete”, mas originalmente não se usava este eufemismo, falava-se “banheiro” ou o prosaico “mictório” mesmo. É interessante observar que de 1918 a 1952 a palavra “mictório” está totalmente ausente do jornal “O Estado de S. Paulo”.

Toailete (*toilette*) era originalmente mais empregada em outros sentidos:

- Traje do vestuário feminino. Assim, a loja “Ao Bom Gosto” anuncia que dispõe “de fazendas e modas francezas (...) para toilette de senhoras” (“O Despertador”, RJ, 15-12-1838).

- Móvel com objetos de tocador. “Dizem que seu toilette é peça estrondosa pelo precioso, com a meza de prata e um sem numero de utensilios de ouro, e madre perola” (“O Sete d’Abril”, RJ, 30-11-1833).

- Ato de se lavar, pentear, maquilar, vestir etc. “Começou a vestir-se. Uma dama a fazer toilette de apuro andaria mais depressa”. (“O Sportman”, RJ, 29-06-1887).

“Toilette” (ou toailete) no sentido de gabinete de vestir ou aposento sanitário é utilizada sobretudo em descrição de imóveis (anúncios de venda ou de aluguel, por exemplo) e, finalmente, como a forma polida de perguntar pelo banheiro.

(fazer as) Necessidades

Certas expressões perpetuam-se, permanecendo imutáveis. É o caso desta, que aparece na BN já em 1839, no relato de um estrangeiro, que visitou o Rio de Janeiro algum tempo antes e fala de um terreno extremamente imundo, no qual confluíam várias ruas, cercado de um muro...:

... que veda toda a vista para o exterior (...). Consente-se não só que se fação alli os despejos daquella parte da cidade onde não há latrinas, nem canaes subterraneos, e que se arrojem para alli os animaes mortos e moribundos, mas até que os negros e a ralé da população vá lá fazer as suas necessidades, à vista das famílias que sobem no terraço que está na parte do mar.

(“O Despertador”, RJ, 15-03-1839)

(para xx) Nenhum botar defeito

Hoje a expressão é usada para afirmar a notável qualidade de algo qualquer, invocando possível juízo da referência de excelência na área em questão: minha tia faz um pão de queijo para mineiro nenhum botar defeito; nosso centroavante é um artilheiro para Cristiano Ronaldo nenhum botar defeito; um rombo no orçamento para partido político nenhum botar defeito etc.

Mas, quando a locução aparece na BN – 22 incidências ao longo de toda a década de 50 – ela se limita a Pernambuco (em sua quase totalidade) e ao Rio Grande do Norte, e em todas as vezes, em sua forma original: “para homem nenhum botar defeito”, dando a entender que terá sido criada – com uma pitada de malícia – para exaltar qualidades do corpo feminino. Mas quando atinge a imprensa, já quase não há esse direcionamento, aplica-se a qualquer área (futebol, comidas etc.). Por exemplo, a primeira referência no Diário de Pernambuco (20-12-1953), é para louvar as delícias de certos abacaxis regionais:

... todos magníficos de gosto, cheiro e aspecto. “P’ra homem nenhum botar defeito, como ensina o dito popular.

Na década seguinte, continua notória a supremacia pernambucana no uso da expressão, mas o “Diário Carioca” muda a expressão para “Para nêgo nenhum botar defeito” e a imprensa do Rio acaba também substituindo “homem” para o caso específico em questão, como em: “o general (...) tem um bom humor para civil nenhum botar defeito” (“Tribuna da Imprensa”, 03-01-1968). A imprensa nordestina ainda resistiu por anos, mas também nela – como em todo o país – essa nova formulação acabou se impondo.

Ganhar no grito

A primeira ocorrência da expressão na BN dá-se em “A Noite” de 18-05-1950, comentando o jogo Brasil x Uruguai, no qual conquistamos a “Taça Rio Branco”, vencendo por 1x0. Nosso goleiro reclamou:

Eles queriam ganhar no grito. Fizeram tudo que era possível. Será que nem dentro de nossa casa? É bom que o público calcule como são as coisas lá fora.

Nesses primeiros tempos, a expressão não tinha ainda o significado preciso de hoje: querer influenciar as decisões do árbitro por meio de reclamações insistentes e veementes. No exemplo acima, a queixa refere-se antes à violência do adversário em campo. E Armando Nogueira, celebrando a conquista da Jules Rimet em 1958, diz que ela se deveu a que nossos jogadores decidiram:

“Vamos ganhar no grito”. Ganhar no grito quer dizer, ganhar na raça, ganhar no peito, na moral, no coração – vencer, custe o que custar.
 (“O Cruzeiro” RJ, 19-07-1958).

No ano seguinte, Bellini, capitão da seleção, conta que no meio do jogo, advertiu (e ameaçou...) o colega chileno contra o jogo violento por eles praticado. E justifica:

Se deixarmos as coisas como estão, daqui a pouco querem ganhar no grito o jogo contra a gente.
 (“O Jornal” RJ, 17-03-1959).

Medidas e Dosagens

Uma das grandes dificuldades de aprendizagem de uma língua estrangeira (e também da materna), sobretudo no escrever e falar, reside no fato de que há sintagmas, associações de palavras – em alguns casos, autênticos clichês – formas concretas de expressão – mais ou menos fixas do ponto de vista da correção ou da estética – que multiplicam a necessidade de memorização, desnecessária se trabalhássemos só com a uniformidade (e pobreza...) do caso geral.

Assim, por exemplo, o geral “unidade” dá lugar a mil ocorrências distintas, quando se desce ao particular: nos casos concretos falamos em “cabeças” de gado, “pés” de alface, “partidas” de futebol, “peças de teatro” etc. e não cabe empregar: “unidades de gado”, “unidades de alface”, “unidades de futebol”, “unidades de teatro” etc., embora do ponto de vista do significado, “cabeças”, “pés”, “partidas” e “peças”, no caso, signifiquem, precisamente, “unidades”.

Naturalmente, cada língua tem suas formas de associação nessas composições e, por exemplo, enquanto nós fazemos um cheque ou compomos uma canção, o inglês “escreve” (*write*) um cheque e “escreve” uma canção. Mesmo que seja para sempre (e até antes da lei do divórcio) na Espanha, se uma pessoa é casada, diz-se “*está casada*” (sem nenhuma alusão de provisoriedade) e o francês usa o *faire* até no sentido de “dizer”. “*Preste atenção*” tem seus correspondentes em “*Fait Attention*”, “*Pay attention*”, “*Estate atento*”...

O fenômeno é muito mais extenso do que, à primeira vista, supomos e para, de algum modo, verificar isto, felizmente, o estudioso de hoje dispõe de um sensor de uso de tal ou qual expressão: o Google (ou alguma outra ferramenta de busca na Internet). Quando lançamos uma sequência de palavras no box de busca – apesar de todas as imprecisões – o Google, ao indicar em quantos sites da rede aquela sequência de palavras aparece, pode nos dar uma boa ideia da vigência e atualidade de seu uso. Por exemplo, procurando no Google (em 23-05-2022) a expressão “usar leque” encontramos exíguas 474 ocorrências (claro, há jovens que nunca viram um leque), enquanto “ligar o ar condicionado” tem 147000.

A título de exemplo, faremos em alguns casos, buscas no Google e indicaremos as ocorrências pelo número entre parênteses. Os acessos deste artigo são de 23-05-2022.

Procurando avaliar, dizíamos, a extensão do fenômeno do desdobramento concreto, tomemos o unitário abstrato: “pouco”, para quantidade ou intensidade (em algumas expressões, esses desdobramentos serão preferentemente negativos, como, por exemplo: “ele não tem um *pingo* de vergonha na cara”). Para começar, consideremos o caso de uma dúvida, ideia ou lembrança pouco intensas. Neste caso, falaremos de “*sombra* de dúvida” (712.000), “*pálida* ideia” (23.200) e “*vaga* lembrança” (34.800).

Certamente, todos entenderiam se eu dissesse “pálida lembrança”, “pálida dúvida” ou “sombra de lembrança”, mas o uso recomenda as formas do parágrafo anterior; cabem também “vaga ideia” e, no caso de “noção”, “vaga noção” e “leve noção”. Só a título de curiosidade, o relativamente recente “sem noção” quebra todos os recordes, superando os dois milhões (2.250.000).

Ainda no mesmo exemplo, se a inveja vem em “ponta” (ou pontinha); o ciúme dá-se em pitada; a ingenuidade, em doses; a vergonha na cara, em pingos etc. Temos:

“leve impressão” (116.000),
“toque de classe” (496.000),
“leve suspeita” (18.600),
“ponta de inveja” (71.300),
“pontinha de inveja” (28.400),
“pitada de ciúme” (4630),
“traço de tristeza” (69.300),
“dose de ingenuidade” (14.600, geralmente antecedida de “grande”),
“pingo de vergonha” (39.800),
“resto de esperança” (96.590)
“pinta de palhaço” (2.680, ajudado pela antiga canção “Palhaçada”),

Deixando de lado o (afinal impreciso) Google, “pouco” para prosa é “um dedo” (ou “dois dedos); para cachaça, “dois dedos”; para guloseimas, temos um “teco”; já a pouca visibilidade, dá-se em “palmo”, “não se via um palmo adiante do nariz”. Temos ainda “fio de voz”; “gostinho de infância”; “gole de álcool”, “pingo de gente”, “bocadinho de sorte”, “pedaço de mau caminho”.

Quanto à pouca duração, encontramos: “assomo de coragem”, “acesso de fúria”, “rompante de raiva”, “momento de indecisão” (3,270).

Poucos recursos são “escassos recursos”, a pouca diferença é “sutil diferença” e encontramos pouca densidade no “café ralo”. Para “pouco” em distâncias, temos: “beirando o desespero”; chegando “às raias da loucura”.

Outro dado interessante diz respeito aos equivalentes do geral “pouco”, como o brasileiríssimo “meio”: “meio chateado”, “meio sem graça”, “meio desconfiado” etc.

Dois outros sinônimos de “pouco” têm um comportamento muito curioso: “bocado” e “punhado”. Diz o Aurélio:

Bocado – Pequena quantidade de qualquer coisa.
Punhado - Pequena porção; número reduzido

Já o Houaiss adverte para o ambíguo caráter de “punhado”:

Bocado - fração de uma coisa; pedaço, porção
Punhado - quantidade pequena... ou quantidade grande (de algo)!!!

O fato é que “bocado” e “punhado” podem servir tanto para indicar “pouco” como “muito”, o que não deve surpreender num país em que o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz do pão de queijo que acaba de sair do forno que “está quentinho”; ou da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caidinha por ele” (ou “caidaça”!).

Para “punhado”, recolho os exemplos de Houaiss: quantidade pequena: “um punhado de soldados lutou contra os insurretos”. E para “bocado” no sentido de “grande quantidade”, basta lembrar de “O pequeno burguês” de Martinho da Vila:

E quem quiser ser como eu,
Vai ter que penar um bocado

Por detrás da rotina e dos clichês, essa imensa variedade de formas é, afinal, a riqueza da língua e de sua capacidade expressiva. Já Orwell advertia, em seu *1984*, que a Novilíngua, principal instrumento a serviço da opressão, tinha como missão diminuir o âmbito do pensamento e reduzir ao mínimo as possibilidades de escolha das palavras. E, de fato, a cada ano, o vocabulário diminuía, o que era considerado um avanço, pois quanto menos possibilidades de escolha, menor a tentação de produzir pensamento...

Nem sempre atinamos com as razões – se é que sempre as há – para o uso desta ou daquela palavra nas expressões; o fato é que empregamos “margem de lucro” e “margem de erro”, e se a frequência de uso de “faixa de incerteza” e “faixa de confiança” é praticamente a mesma dos correspondentes “margem de incerteza” e “margem de confiança”, não se pode dizer: “não deixa faixa para dúvidas”, porque o uso impõe: “não deixa margem a dúvidas”. E embora se trate claramente de margem/faixa, na tabela de classificação do campeonato brasileiro, a única expressão legitimada pelo uso é “zona de rebaixamento”.

Se a avaliação do carro tem *itens*, a da escola de samba tem *quesitos*. Como faz o pobre do estrangeiro para adivinhar? Sem *sombra* de dúvida (como vimos, a dúvida tem sombra!) ele acabará por *cair* no ridículo (e mais essa: no ridículo... se cai!) e está *coberto* de razão quem *levante* a suspeita de que ele ficará *mergulhado* na incerteza e *envolto* em dúvidas.

Cabe lembrar que essas formas associativas podem mudar com o tempo e com a moda: já que estamos falando em “dúvida”, cada vez mais cai no esquecimento a antiga expressão “dúvida atroz” (ainda com 19.100), substituída, hoje, sobretudo por “dúvida cruel” (156.000) e pouco se diz, digamos, “dúvida amarga” (855) ou “dúvida dolorosa” (1.010), formas que podem vir a prevalecer no futuro.

Se as razões dessas escolhas nem sempre são claras, em alguns casos podemos identificá-las. Algumas procedem de frases famosas de políticos, futebolistas, personagens de telenovelas..., que criam (ou revitalizam) expressões como: “eu sou mais eu”, “é o cara”, “com tudo a que tem direito”, “muita calma nessa hora” etc. Outras são frases de peças literárias, partes de antigos provérbios ou piadas.

Clichês à parte, a diversidade de possibilidades de combinações, de escolha (Orwell) de expressões, reflete a riqueza da língua (e, portanto, do pensamento) e permite comunicar de modo mais abrangente a complexa realidade. Pense-se, por exemplo, nas sutilíssimas formas de um narrador de futebol relatar o lance do pênalti. Entre os categóricos: “Fulano foi derrubado na área: é pênalti!” e “Fulano se jogou: não houve nada!”, há toda uma gama que permite expressar dúvidas sem arriscar-se a ser processado pelo juiz ou por um dos times. Por exemplo, em jogos sem VAR, “o juiz marcou pênalti”, “deu pênalti” ou “viu pênalti” são diferentes: o primeiro caso parece mais neutro, não entrando no mérito; o segundo, parece indicar que o juiz, de boa vontade, acabou interpretando que aquele lance que tinha aspecto de faltoso, de

fato o era; no terceiro, o pênalti foi duvidoso ou inexistente, mas o juiz (e só ele) viu pênalti ou, quem sabe, a visibilidade privilegiada da posição do juiz permitiu-lhe ver o pênalti que eu não vi. Aí dependerá também do tom de voz e dos comentários contextualizantes. No aumentativo, “o juiz viu pênalti” pode sugerir o faccioso uso do apito do todo-poderoso árbitro...

Diferenças na linguagem, sutilezas naturais, imprecisas e misteriosas. Se, pelo contrário, chegarmos à precisão artificial e à estreiteza da Novilíngua, ser-nos-á, como em *1984*, literalmente impensável um pensamento dissidente ou divergente em relação ao absoluto do Poder, qualquer que ele seja - “pelo menos - conclui Orwell - na medida em que o pensamento depende das palavras”...

Pernas, para que te quero

Sobre esta expressão, apenas uma curiosidade de datas. Ela é muito antiga e, em suas origens, admite também a forma, mais lógica e gramaticalmente correta: “Pernas, para que vos quero”. As duas possibilidades são usadas de modo quase igualmente frequente, mas não só a forma com “te” é mais empregada, como também é muito anterior (à com “vos”) na BN. “Pernas, para que te quero” surge em 1833 (em “O Sete d’Abril”); enquanto “Pernas, para que vos quero” só aparece em 1850 (em “O Beija-Flor”). A forma “para que te quero” vai prevalecendo à medida que avança o século XX e “para que vos quero” vai escasseando e desaparecendo.

Pudera

Assim como “tomara” [ver verbete], o sentido original de “pudera”, significando “não era para menos”, “claro”, “obviamente” é impenetrável para o falante atual. Tal como em outras fórmulas, para elucidar esse mistério é necessário dar com a expressão completa que, com o tempo, se abreviou simplesmente em “pudera”. É necessário retroceder exatos cento e cinquenta anos, quando aparece por primeira vez na BN (“O Seis de Março” PE, 04-05-1872) nosso “pudera” em seu habitat natural: “pudera não ser assim”, formulação vigente até o fim do século XIX, com poucas aparições residuais na medida em que avança o século XX.

“Pudera” em “pudera não ser assim” confere à expressão um caráter de irrealidade, de impossibilidade: “não tem como não ser assim”, “não poderia não ser assim” (do mesmo modo que “quem me dera ganhar a mega-sena acumulada” afirma que se trata de uma quimera).

Um exemplo muito claro dá-se em “O Puritano” (RJ, 22-08-1907), que discorrendo sobre o espírito de fraternidade entre os protestantes, comemora:

É agradável, ali no Hospital, abraçarem-se presbyterianos e darbyistas, estes e congregacionalistas e todos com os methodistas e baptistas. E pudera não ser assim, quando todos leem a mesma Bíblia e della ficam sabendo que só existe um Salvador e um Céu para todos os crentes!

Outro exemplo. Nas efemérides de sua edição do dia 13 de abril, a “Gazeta de Notícias” (RJ, 1877), informa que “neste dia, em 1712”, a então vila de São Paulo tornou-se cidade:

Grandes festejos e regozijos; e pudera não ser assim! Os habitantes do logar começaram a ser cidadãos, elles, que até essa data eram simples vil... [trunca a palavra para não escrever vilões ou outro termo pejorativo]

Louvando o talento da atriz, do empresário e de toda a troupe de teatro com uma peça de grande sucesso, o colunista de “A Gazeta da Tarde” (RJ, 12-02-1898), após destacar os polpudos ganhos de bilheteria, desfecha: “Tambem pudera não ser assim, com a Herminia, com o Brandão, com todos!”

Para terminar: “Venho inteiramente triste hoje. Pudera não ser assim, si estou até de lucto”. (“A Troça”, AL, 17-06-1892).

(encher o) Saco (cheio)

“Encher o saco” e “estar de saco cheio” chegam claramente à BN em torno de 1950, por vezes com ambiguidades e duplos sentidos, como na marchinha do carnaval de 1952 (que foi alvo dos censores – <https://miltonparron.band.uol.com.br/censor-capacho-de-plantao/>):

Ai, que vida triste tão cruel
Tem o homem que apanha papel
Sua profissão é um buraco
Só pode ir prá casa
Depois de encher o saco
Um papel aqui
Um papel ali
E quando o dia acaba
O saco ainda está no meio
Um papel aqui
Um papel ali
Só lá pra meia noite
É que ele está de saco cheio
 (“Fon Fon” RJ, 02-02-1952)

O “Diário da Noite” de 31-12-1951, traz o desabafo de Perácio (que chegou a integrar a seleção brasileira da Copa de 1938), decidido a encerrar a carreira após a derrota de seu Canto do Rio para o Bangu por 1x3!

Para mim chega, este foi o último jogo. Volto para o Rio de “saco cheio”.

E de um marido negligente, escrevia – também com a expressão ainda entre aspas – “O Poti” (RN, 16-03-1956):

(...) passando dias sem aparecer em casa, bêbado, tudo isto foi “enchendo o saco” da esposa, que afinal resolveu abandoná-lo.

[ganhar no] Tapetão

Expressão para prática antiga no futebol (e em outros esportes): perder no jogo e ganhar os pontos na justiça desportiva. A expressão surge na BN em 1971 e já entre suas primeiríssimas incidências, registra-se que a prática era muito estendida:



O advogado José Carlos Vilela – herói conhecido de vitórias no tapetão – pretende recuperar os dois pontos pelo Fluminense perdidos contra o Ceará. (“O Jornal” RJ, 25-08-1971)

A palavra “tapetão” acentua um tom pejorativo – de chicana – à expressão que, em sua forma original era simplesmente “ganhar no tapete”, que remonta a 03-09-1941, em “O Radical”, que noticia que no América, que perdeu em campo para o Fluminense, surgiu “o desejo de ganhar no tapete da entidade [o tribunal da Federação] o embate que perderam no campo”.

Tomara

A vontade de Deus não muda (Hb 6, 17; Sl 119, 89; 1 Pe 1, 24-25) e os teólogos explicam que quando pedimos algo a Ele em nossas orações, trata-se antes de ajustar a nossa vontade a Seus desígnios e não de alterar Seus imutáveis desígnios... Assim, considerando a eternidade (Seu eterno “presente”), o espanhol prefere o presente “si Dios quiere” (e o inglês “God willing”) em vez do nosso futuro “se Deus quiser”, sobretudo se seguido da recente forma de coação para com a divindade, complementado inventado pelo brasileiro: “e Ele há de querer”.

Nosso desejoso “tomara”, forma abreviada de “tomara Deus”, remete teologicamente – pelo pretérito mais-que-perfeito – a um vago passado ancestral, até anterior ao tempo: “Tomara [Deus, em seus desígnios eternos] que chova três dias sem parar”, “Tomara [que bom será que Deus ‘tinha tomado’ a decisão de] ue o Brasil seja hexacampeão”, “tomara que caia” etc.

Até nas palavras cruzadas de antigamente, “tomara” era sinônimo de “prouvera a Deus” (hoje em desuso). Prouvera é o pretérito mais-que-perfeito do verbo “prazer” (sim, prazer é um verbo e significa agradecer). E, de fato, muitas vezes “prouvera a Deus” tem o sentido de “tomara”. Assim, Rachel de Queiroz, glosando a excelência da instituição “Pro Matre”, escreve:

Prouvera a Deus pudesse a “Pro Matre” espalhar sucursais pelo país inteiro – onde se perdem tantas crianças por falta de assistência na hora do nascimento (...).
“O Cruzeiro” (RJ, 27-04-1957)

Mas “prouvera a Deus” não necessariamente se refere a um desejo de (para nós) incerto futuro, mas pode indicar também algo que, infelizmente, não ocorreu, não aprovou a Deus. Assim, por exemplo, a revista “Para Todos” (RJ, 21-06-1919), considerando os acidentes que têm sido causa de “centenas de mortes e de milhares de estropiados”, lamenta:

Há no Rio dous mil e oitocentos e vinte e cinco automoveis. E, prouvera a Deus que não houvesse nenhum.

Turma do deixa disso

Refere-se aos cidadãos de boa vontade, que procuram apartar uma briga – dizendo: “– Pessoal, deixa disso” – e se interpõem entre os envolvidos, frustrando o desejo (inconfessável ou não) daqueles que gostariam de apreciar um bom corpo-a-corpo na rua, no Parlamento, no bar, no campo de futebol etc.

Frequente e quase centenária na BN, a turma do deixa disso tem seu primeiro registro na imprensa no carnaval de 1929, quando o “Correio da Manhã” (RJ, 25-01-

1929) indica para a polícia (jocosamente) três alcunhas de foliões – “Barão”, “Potyguara” e “Trififi” – que podem criar confusão nas folias:

São esses nomes que traz [sic] a população pacata desta terra em aviso de entrar na hora com a turma do deixa disso.

Vacinado (e maior de idade)

“Sou maior de idade e vacinado” é expressão que significa que sou responsável pelo que faço e não tenho que pedir aprovação nem dar satisfações para ninguém e, portanto não me venha dizer o que devo fazer!

A expressão é uma evocação da prerrogativa de liberdade e autonomia dos vacinados, prevista na traumática lei da vacinação obrigatória de novembro de 1904 (logo revogada por conta da “Revolta da Vacina”). Lemos em “A revolta da vacina” no site da Fiocruz:

Em junho de 1904, Oswaldo Cruz motivou o governo a enviar ao Congresso um projeto para reinstaurar a obrigatoriedade da vacinação em todo o território nacional. Apenas os indivíduos que comprovassem ser vacinados conseguiriam contratos de trabalho, matrículas em escolas, certidões de casamento, autorização para viagens etc. Após intenso bate-boca no Congresso, a nova lei foi aprovada em 31 de outubro e regulamentada em 9 de novembro. Isso serviu de catalisador para um episódio conhecido como Revolta da Vacina. O povo, já tão oprimido, não aceitava ver sua casa invadida e ter que tomar uma injeção contra a vontade: ele foi às ruas da capital da República protestar. Mas a revolta não se resumiu a esse movimento popular [houve tumultos, rebelião militar etc.].

(<https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2>)



Revolta da Vacina: o povo contra Oswaldo Cruz, o “Napoleão da vacina”.
“O Malho” (RJ, 29-10-1904)

Assim, em 1943, em um artigo sobre a indisciplina carioca nos bondes, o repórter estuda o caso de um tal Sr. Polígamaro, que ficou famoso por ser a exceção que se recusava a ser pingente: em vez de viajar no estribo, sentava-se no banco indicado pelo condutor. Por mais que houvesse assentos vagos, os cariocas insistiam em viajar no estribo e ante o gentil convite do condutor, respondiam de modo mais ou menos educado:



O passageiro alega sempre que vai “saltar já”, ou que prefere ir em pé porque é mais fresco ou, então, que é de maior idade, vacinado, pagou os 20 centavos e viaja como bem entender. (“O Radical” RJ, 14-02-43)

A expressão apareceu na BN anos antes, em 1931, em artigo reprovando um árbitro que não puniu atitude indisciplinada em um jogo:

Enfim, você é de maior idade, vacinado, etc. e por isso lá sabe o que faz.
 (“Gazeta Popular” SP, 20-08-1931)

Recentemente, com a nova polêmica da vacina, a expressão revitalizou-se:



<https://www.elo7.com.br/camiseta-maior-de-idade-e-vacinado-mescla/dp/17004CA>

Referências

Lauand, Jean **Revelando a linguagem comum**. São Paulo: Factash, 2016. Disponível em <http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>. Acesso em 13-05-2022.

Recebido para publicação em 28-05-22; aceito em 09-06-22